

## RESENHA

NEVES, André de Jesus. *Cibercultura e literatura, identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)*. São Paulo: Paco Editorial, 2014. 204 p.

DR. MAURÍCIO SILVA  
Universidade Nove de Julho (UNINOVE)  
São Paulo, São Paulo, Brasil.  
(maurisol@gmail.com)

Falar de realidade virtual, hoje em dia, numa época dominada pela internet e pelas chamadas redes sociais, tornou-se quase um truísmo; contudo, nem sempre esse assunto é abordado em suas possíveis relações com outras áreas do conhecimento ou ação humanas, sobretudo as manifestações culturais. Não é o que ocorre com este livro de André de Jesus Neves, escrito originalmente como dissertação de mestrado.

Com efeito, seu livro se propõe a "fazer uma análise do contexto atual da cultura, na mobilidade do contexto da internet e as relações de produção e consumo dos bens culturais, sobretudo literários, no ambiente virtual pelo sujeito contemporâneo" (p. 17). Assim, o autor procura estudar a cultura num mundo marcado pela fragmentação e pela descontinuidade, em especial no espaço virtual (*cibercultura*), com destaque para a produção literária.

Resenha recebida: 22 set. 2016.  
Aceita: 23 out. 2016

NEVES, André de Jesus. *Cibercultura e literatura, identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)*. São Paulo: Paco Editorial, 2014. 204 p. Resenha de: SILVA, Mauricio. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 303-306.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 27 dez. 2016.

Tratando do surgimento da internet, André Neves apoia-se em Manuel Castells, a fim de defender a ideia de que a internet relaciona-se à cultura de maneira a resultar no que se pode chamar de *cultura digital* ou *cibercultura*. Segundo Neves, falar em cibercultura, contudo, é referir-se a um espaço de mobilidade, em que valores culturais e sociais estão em constante mudança, como é o *espaço virtual*, próprio das *comunidades virtuais*, conceito em que a noção de território físico se desfaz. As comunidades virtuais, por sua vez, seriam coletivos em busca de uma identidade comum, o que sugere a constituição de um novo paradigma social e de uma nova cultura, a “cultura virtual no ciberespaço” (p. 37).

Para Neves, essa autêntica *cultura nômade*, relacionada a uma constante fluidez, vincula-se a um novo sentido de mobilidade, interferindo diretamente no meio social: “com a vida no espaço virtual, houve um deslocamento de foco do corpo e da territorialidade na formação das relações sociais e de grande parte das atividades do cotidiano, visto que a onipresença vivenciada no ciberespaço pelo cibernauta o desterritorializa de si mesmo e o faz perder-se localmente na medida em que o re(des)territorializa (virtualmente)” (p. 41). Em suma, Neves pressupõe que a ideia de ciberespaço gera uma nova discussão epistemológica do sentido de lugar, interferindo até mesmo no processo identitário dos indivíduos, já que pressupõe uma busca de identidade coletiva, mas que se dá no espaço virtualizado, lugar onde até mesmo a mediação discursiva é questionada, uma vez que a noção de autoridade, de sujeito do discurso, é colocada sob suspeita neste espaço. Trata-se ainda, segundo o autor, de um espaço propício à manifestação da *voz do subalterno* – nesse sentido, o ciberespaço pode ser entendido como “um lugar de voz, de explosão de significados e reivindicações da cultura marginal, da voz silenciada” (p. 66).

Tais transformações têm incidência direta na questão do autor, que cede lugar a uma espécie de *autoria do coletivo*: “o ciberespaço se

constitui como um espaço de construção de autores anônimos, coletivos e solidários, lugar de onde emergem novas discursividades, que se propõem a pensar os sentidos e os sujeitos em sua relação com a língua, a cultura e a história. A noção de autoria na (re)escrita hipertextual parece se diluir no espaço constituído pelo ciberespaço; assim o sujeito-autor, enquanto enunciador, assume uma posição determinada (por condições sociais e ideológicas) revelando, a partir da unidade que tenta conferir ao seu texto, que é parte de um hipertexto, a sua própria unidade enquanto sujeito” (p. 81). Além de uma nova concepção autoral, há que se pensar, também, numa nova concepção da própria literatura, agora pensada “não apenas fora do papel, mas também, principalmente, fora do cânone, fora da voz institucionalizada” (p. 82). O resultado de todo esse processo, ainda segundo o autor, é a ascensão da cultura marginal, assinalando o ciberespaço como “lugar de ruptura e de quebra entre a cultura hegemônica e a cultura de margem” (p. 83).

Especificamente sobre a Literatura de Fã, o autor procura resgatar seus primórdios, com o aparecimento dos *fanzines* (as revistas de fã), a partir da década de 1930-1940, nos Estados Unidos (no Brasil, os primeiros datam da década de 1960) até a constituição da *fanfiction* (grosso modo, a “cultura de fã na internet”, p. 100) e sua produção correspondente – as *fanfics* (histórias alternativas em prosa escritas por fãs de uma determinada série ou obra). Em geral, trata-se de uma produção que procura “suprir as necessidades que a cultura hegemônica suprimiu e negou às classes minoritárias” (p. 103), resultando na criação de produtos culturais derivados. Trata-se, ainda, de um fenômeno próprio da chamada *cultura participatória* (*participatory culture*), termo utilizado para designar “uma cultura na qual fãs se apropriam de produtos culturais, do conceito de seus personagens e os reproduzem modificando sua história e criando produtos derivados” (p. 105). Nesse contexto, os autores de *fanfics*

NEVES, André de Jesus. *Cibercultura e literatura, identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)*. São Paulo: Paco Editorial, 2014. 204 p. Resenha de: SILVA, Maurício. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 303-306.  
Curitiba, Paraná, Brasil  
Data de edição: 27 dez. 2016.

deixam de ser meros consumidores de literatura e tornam-se produtores, transformadores e agentes culturais, resultando em produtos culturais híbridos e descentralizados.

O autor expõe alguns tipos de *fanfiction*, além de discutir o estatuto de literatura dessa produção, lembrando que se trata de uma produção que questiona os conceitos de originalidade, cânone, autoria, leitor etc., destacando sua condição de *arte marginal*. Finalmente, o autor apresenta os resultados de sua pesquisa exploratória, tendo como objeto de estudo as *fanfics* brasileiras que utilizam como meio de produção e divulgação as comunidades sediadas na plataforma do *Orkut* e em sites e blogs feitos com essa finalidade, estudando o perfil dos escritores e das comunidades, o perfil dos sites, as produções etc.

Para quem quer se inteirar não apenas dos caminhos e descaminhos que o mundo virtual percorre atualmente, mas também de como se dá a interação entre esse universo e a cultura - a chamada *cibercultura* -, o livro de André Neves é mais do que um bom começo, trazendo ainda uma análise percuciente do que se convencionou chamar *fanfiction*.